

O PENSAMENTO COMO CAMINHO

Stanley Martins Frasão

Advogado Sócio do Homero Costa Advogados

“O pensamento é liberdade” (Michel Foucault)

A violência é filha do vazio mental; ela prospera onde a reflexão se esvai, e a empatia é sufocada por preconceitos. Conter a violência exige cultivar pensamento crítico, promover diálogos genuínos e resgatar a filosofia como ferramenta prática de transformação social. Sem essa tríade, restam apenas as sombras da barbárie.

A cada conflito, nas ruas de nossas cidades ou em campos de batalha distantes, a violência revela-se sintoma de uma doença mais profunda: a incapacidade de pensar criticamente sobre nós mesmos, sobre o outro e sobre o mundo que compartilhamos. O vazio mental pode alimentar a agressão. A psicologia social inclusive mostra que atos violentos raramente partem de reflexão profunda; geralmente surgem de raiva não examinada.

Steven Pinker, em *Os anjos bons da nossa natureza*, relaciona o declínio histórico da violência ao crescimento da racionalidade, da empatia e do autocontrole. Quando um jovem resolve um conflito banal com agressão, demonstra falha no processo de pensamento: incapacidade de considerar alternativas, projetar consequências e adotar o ponto de vista alheio. Nesse contexto, o impulso primitivo oferece solução imediata e destrutiva.

No plano histórico, o vazio mental aparece de forma recorrente, por exemplo, na inquisição espanhola em que o dogmatismo proibia o questionamento, a dúvida era heresia, e a reflexão, perigo; em conflitos sectários contemporâneos em que rótulos substituem indivíduos e slogans suplantam argumentos; em linchamentos digitais marcados pela “justiça” de turba, baseada em informações parciais e emoções inflamadas. Em todos esses casos, ideias simplistas ocuparam o espaço do pensamento complexo, abrindo caminho para a violência.

Se a violência nasce da ausência de reflexão, a educação que cultiva pensamento crítico é nossa vacina mais potente. Mais que transmissão de conteúdo, ela precisa formar mentes que questionam, analisam, sintetizam e duvidam de si mesmas. Na Finlândia, crianças discutem ética e lógica desde os primeiros anos. O país figura regularmente entre os menores índices de criminalidade na Europa, indício de que investir em pensamento desde cedo rende dividendos sociais; colabora não somente com a compreensão racional da realidade, mas com a empatia e autocontrole nas relações interpessoais e sociais.

Sabemos que conflitos são inevitáveis; no entanto, é possível torná-los construtivos a partir do diálogo genuíno. Como bem recorda Jürgen Habermas: quando interlocutores buscam entendimento mútuo, não vitória, ocorre a “ação comunicativa”. Alguns contextos podem ser significativamente favoráveis para essa ação comunicativa: famílias nas quais se cultiva a escuta ativa antes da repreensão; escolas em que se incentivam rodas de conversa que valorizem dissenso produtivo; parlamentos em que debates são fundamentados em evidências, não em xingamentos. De fato, quando a conversa é honesta, a violência torna-se desnecessária.

Nessa perspectiva, resgatar a filosofia do confinamento acadêmico pode ser fundamental para reconhecê-la como *kit* de sobrevivência em uma civilização complexa. A ética como instrumento de discernimento entre o certo e o errado; a lógica como superação das falácias que justificam a violência; a epistemologia por meio da qual se duvida das próprias certezas; a estética em que é lembrada a beleza que a violência destrói. Esses e outros temas filosóficos tornam-se habilidades práticas para navegar conflitos contemporâneos.

A paz verdadeira não é mero silêncio de armas, mas presença ativa de razão. O desafio social não é abolir conflitos, e sim garantir que todo conflito seja mediado pelo pensamento. A luz da razão só prevalecerá se escolhermos acendê-la individual e coletivamente. Desse modo, cada ato de violência evitado pelo diálogo, cada preconceito desmontado pela análise e cada impulso contido pela reflexão confirmam a máxima de Foucault: “o pensamento é liberdade”.